

# Estudos de Tradução

Actas de  
Congresso Internacional



  
Universidade da Madeira

Coordenação de  
Maria Zina Gonçalves de Abreu  
e Marcelino de Castro

*Principia*

11710 33920

# Estudos de Tradução

Actas de Congresso Internacional

**Título**

*Estudos de Tradução – Actas de Congresso Internacional*

**Organização e Introdução**

Maria Zina Gonçalves de Abreu  
Marcelino de Castro

**Copyright**

© PRINCIPIA, Publicações Universitárias e Científicas  
Cascais, Maio, 2003 – 1.ª edição

**Design da capa**

Maia Moura Design

**Composição e Paginação**

Xis e Érre, Lda.

**Execução Gráfica**

Tipografia Peres

ISBN 972-8818-00-9

Depósito Legal 192993/03

---

**Principia**, *Publicações Universitárias e Científicas*

Avenida Marques Leal, 21, 2.º – 2765-495 S. João do Estoril  
Telefone 214 678 710 • Fax 214 678 719 • e-mail [principia@principia.pt](mailto:principia@principia.pt) • [www.principia.pt](http://www.principia.pt)

82.08  
CON Est  
EX-1



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Departamento de Estudos Anglisticos e Germanisticos

Universidade da Madeira

Congresso Internacional de Estudos de Tradução

Funchal - 17 a 19 de Abril de 2002

# Estudos de Tradução

## Actas de Congresso Internacional

UNIVERSIDADE DA MADEIRA  
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

**Organização e Introdução**

Maria Zina Gonçalves de Abreu

Marcelino de Castro

 **Principia**  
Publicações Universitárias e Científicas

OFERTA

Estudos de Tradução  
Actas do Congresso Internacional

A publicação de  
**Estudos de Tradução – Actas do Congresso Internacional**  
insere-se no acordo de parceria editorial existente entre a  
*Principia*, Publicações Universitárias e Científicas e a



DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ANGLÍSTICOS E GERMANÍSTICOS  
Campus Universitário da Penteadá, Piso 1 – 9000-390 Funchal, Portugal  
Telef.: 351 291 705 360 • Fax: 351 291 705 379 • e-mail: cddeag@uma.pt

re and physical  
Unlike the work  
*va Branca* is not  
nd, for that rea-  
se two authors.  
*va Branca* who  
onically, what is

ive thread, in its  
*n and the Sea: a*  
nvironment that  
r hand, it is the  
rage, resource-  
s, as time passes  
ts upon it. The  
racter alive. He  
ne "genius" and  
old the reader's  
ring and painful  
*rain* will forever

ca.  
'Possibilities', in  
*Philosophical Pers-*  
don and Toron-

*Literary Review,*

VII: 48-54.

## **Carolina Michaëlis de Vasconcellos – uma Obra de Tradução e de Translação Feminista. Um Estudo de Caso.**

**Anne Martina Emonts**

Universidade da Madeira (Portugal)

In keiner Sprache kann man sich so schwer verständigen wie in der Sprache.

Karl Kraus

Western culture is founded on untranslatability.

Irene Ramalho

Estrangeiro aqui como em toda a parte

Fernando Pessoa

### **Abstract**

In 1901 and 1902, Carolina Michaëlis de Vasconcellos, who had moved, in 1876, to Portugal, published two articles on the feminist movement in Portugal and Spain – in her mother tongue, which is German, *Handbuch der Frauenbewegung*

[Manual of the Feminist Movement], which can be considered the first of many references in the area of feminist movements on German grounds.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos exposed the German public to the situation Portuguese women encountered, whilst exploring and translating a vast amount of Portuguese data and publications. Thus, she contributed to the international awareness of Portuguese Feminism.

This paper focuses on two essays that represent, besides the **work of translation**, a considerable amount of work in “**cultural transfer**” among the then feminist cultures and the two countries that were involved. Both aspects – the linguistic aspect and the cultural aspect – will be analysed in my brief participation.

Keywords:

*feminism; Carolina Michaëlis de Vasconcellos; translation; interculturalism*

## 1. Introdução

Mais uma vez, optei por um título que contém algo de enviesado, estranho e provocatório. Embora seja minha intenção falar de uma obra de uma tradutora<sup>1</sup>, gostaria de salientar, nesta comunicação, a relevância do papel “translatório” de Carolina Michaëlis de Vasconcellos, normalmente designado como trabalho de “mediadora” ou “intermediária entre duas culturas”<sup>2</sup>. Partindo dos verbos latinos *traducere* e *trans-ferre*, assim como da diferenciação feita pela Teoria da Tradução mais recente<sup>3</sup> entre os processos de “tradução” e “translação”, introduzi o neologismo “translação feminista” para designar, de forma mais concreta, apenas uma faceta da enorme herança que Carolina Michaëlis de Vasconcellos nos deixou.<sup>4</sup> Faltam, até agora, monografias

<sup>1</sup> *Vd. DELILLE, 1985: 21; Carolina “lia, traduzia e interpretava com os alunos exemplos representativos das diversas épocas da literatura alemã em estudo, ou vertia para alemão excertos de obras bem conhecidas de autores portugueses modernos e contemporâneos”; vd. Nota nº 1, na mesma página.*

<sup>2</sup> *Vd. DELILLE, 1985.*

<sup>3</sup> *Vd. KOLLER, 2001.*

<sup>4</sup> *A palavra germanizada *das Translat* [“o translato”] designa o resultado de um “transfer”. Sem pretender entrar, no âmbito do meu pequeno estudo de caso, em discussões teóricas acerca dos conceitos em causa e da Teoria da Tradução em geral, tomo a liberdade de aludir a algumas convicções e posições teóricas minhas no Cap. 3.1 e no Capítulo final: “Conclusões”.*

mais extensas e aprofundadas sobre os vários aspectos da obra da autora alemã e portuguesa. Mas pode muito bem ser que já em breve possam surgir novidades.<sup>5</sup>

Nesta minha breve intervenção irei destacar a) alguns aspectos linguísticos e b) aspectos culturais de relevo, tanto gerais como relativos à causa feminista na comparação de dois textos de autoria carolineana. Seja-me, igualmente, permitido utilizar ao longo do texto o título carinhoso de “Carolina” para a ilustre personalidade.

## 2. O relato de Carolina<sup>6</sup>

A pedido de Helene Lange, amiga de longa data, Carolina publica, em 1901, inserido num “Manual do Movimento Feminista”, em quatro volumes, o seu estudo sobre “O Movimento Feminista em Espanha e Portugal”.<sup>7</sup> Mas Carolina não é a primeira mulher a descrever para um público alemão a situação das mulheres portuguesas. Os ensaios de Carolina devem ser encarados no contexto de um antecedente: uma comunicação ao Congresso Feminista de Berlim, em Setembro de 1896, apresentada pela sua compatriota Luisa Ey. A professora tinha causado escândalo, em Portugal, por ter difamado as mulheres portuguesas. E foi Carolina Michaëlis de Vasconcellos que defendeu, na imprensa, ainda no mesmo ano, a amiga contra estas acusações<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> Nesse sentido, tenho prazer de poder anunciar que, ainda em Outubro do corrente ano, no Instituto Ibero-Americano de Berlim, Alemanha, irá decorrer um colóquio subordinado ao tema: “Dona Carolina e os estudos filológicos em Portugal no começo do século XX”; *vd.* “Bibliografia de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos in *Lusitânia* X, 1927, pp. 25-43 e outros artigos nesta revista que foram publicados *in memoriam* depois da sua morte, em 1926.

<sup>6</sup> Em respeito pelo público maioritariamente português desta comunicação recorremos apenas nos casos necessários e impostos pelo tema ao original alemão.

<sup>7</sup> Limitamo-nos, assim como a publicação “O movimento feminista em Portugal” in *O Primeiro de Janeiro*, 11-18 de Setembro de 1902 [sempre na 1ª página, N. d. A.], ao texto sobre a situação portuguesa; na publicação alemã encontramos dois estudos de Carolina Michaëlis de Vasconcellos intitulados “O Movimento Feminista em Espanha e Portugal” (VASCONCELLOS, 1901: 424-449) e “A Instrução Feminina em Portugal e Espanha” (LANGE, 1902:408-426).

<sup>8</sup> In *O Comércio de Porto*, 19 a 27 de Novembro de 1896. É conhecida, também, uma carta de Carolina a Luise Ey em que diz: “Também eu disse a verdade – e, talvez, ainda de forma mais mordaz do que você – mas de forma ligeiramente diferente – salientando bem o outro lado da moeda.” *Apud* DELILLE, p. 27; *vd.* Maria Regina Tavares da Silva, “Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1851-1925) in SILVA/VICENTE [s.d.], pp. 45-58.

Em seis capítulos, Carolina, na sua publicação de 1901, dá a conhecer aos leitores alemães as características do movimento feminista em Portugal (Cap. I), negando desde logo a existência de uma vontade política, num sentido geral, para a equiparação dos direitos das mulheres aos dos homens. De grande interesse será, naturalmente, a visão carolineana da "mulher hispânica de velho estilo" [Cap. II: *Charakteristik der hispanischen Frau alten Stils*] na sua relação para com o homem, a educação e o trabalho. Num 3º capítulo, Carolina descreve a humilhante condição jurídica das portuguesas casadas. Não omite, porém, a existência de mulheres "de novo estilo" [Cap IV: *Die Frauen neuen Stils*], enumerando e descrevendo personalidades femininas da cultura portuguesa. Interessa saber quais as mulheres que a alemã considera serem de relevância: o relato demonstra claramente que Carolina seguiu de perto as correntes coevas da cultura portuguesa e o desenvolvimento da questão feminista, que estamos perante o único texto genérico conhecido da viragem do século sobre a cultura feminista em Portugal de teor crítico-literário e que toma uma posição verdadeiramente crítica, o que, para a época em questão, pode ser considerado invulgar e mal coincide com o 'cânone feminino' de então. Em que outro texto desta época – falando dos escritos de Cláudia Campos – é que se poderiam encontrar formulações como: "*in denen sie die Frauenseele und das Verhältnis der Geschlechter zum Gegenstand scharfsinniger Analysen macht*" ["nas quais a alma da Mulher e a relação dos sexos são objecto de análises perspicazes"] ou – a propósito de Isabel Leite - que é caracterizada por Carolina pelo seu "*Dualismus ihrer Weibnatur und ihres männlichen Denkens*" ["dualismo da sua natureza feminina e pelo seu pensamento masculino"]?<sup>9</sup>

De interesse linguístico e cultural é o seu capítulo V, pelo esforço enorme de Carolina em traduzir, por exemplo, as inúmeras designações de instituições portuguesas de caridade que não têm equivalente em alemão. E devemos a Carolina, também, o primeiro relato relativamente longo sobre um dos primeiros feminismos da Ilha da Madeira.

O último sub-capítulo da autora pretende fazer justiça aos méritos dos homens em relação à causa feminista, traduzindo para o alemão várias páginas de um discurso de António da Costa, primeiro ministro da instrução pública em Portugal, mas

---

<sup>9</sup> Numa extensa nota da editora Helene Lange sobre o *curriculum* de Carolina, ainda no mesmo capítulo, revela-se que trabalhou como intérprete oficial do município de Berlim e do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Prússia e que recebeu o título de Doutor *honoris causa* da Universidade de Friburgo na Brisgóia.

a conhecer aos  
Magal (Cap. I), ne-  
cido geral, para a  
e interesse será,  
o estilo" [Cap. II:  
com o homem, a  
lhante condição  
de mulheres "de  
vendo personali-  
mulheres que a  
ate que Carolina  
envolvimento da  
ecido da viragem  
rário e que toma  
estão, pode ser  
e então. Em que  
- é que se pode-  
d das Verhältniss  
nas quais a alma  
s"] ou - a propó-  
Dualismus ibrer  
reza feminina e

orço enorme de  
stituições portu-  
mos a Carolina,  
eiros feministas

ritos dos homens  
as de um discurs-  
m Portugal, mas

Carolina, ainda no  
pio de Berlim e do  
or *honoris causa* da

criticando-o por causa de "*etwas zu viel Pathos*" ["um bocadinho patético de mais"<sup>10</sup>]. Menciona ainda os esforços de Sebastião Magalhães Lima e de Bernardino Machado.

Conclui, de forma irónica e prudente, mas, sem dúvida, amarga: "*Gebt auch im Westen die Sonne am spätesten auf, so pflegt sie doch die lichtesten und wärmsten Tage heraufzuführen. Damit wollen wir uns trösten.*" ["Se é no ocidente que o sol se levanta mais tarde, também costuma trazer consigo os dias mais quentes e luminosos. Vamo-nos consolar com isso."]

### 3. A "tradução" de Duarte Leite – um estudo comparativo

É uma circunstância feliz o facto de existir, em forma de artigo em série<sup>11</sup>, uma tradução do estudo de Carolina Michaëlis de Vasconcellos – um processo a que chamaremos, mais adiante, uma "refracção dupla". Desconhecemos se o estudo foi traduzido por ela própria. O artigo está assinado por "D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos". O cabeçalho do artigo diz o seguinte:

*"Estudo para o livro alemão de Helena Lange e Gertrudes Bäumer, por D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, Doutora em Philosophie – Versão ampliada do Dr. Duarte Leite, professor da Academia Politecnica do Porto."*<sup>12</sup>

Tendo comparado os dois textos, gostaríamos de salientar, desde já, o seguinte:

- a) O texto português apresenta-se "ampliado" por uma introdução da pena de Duarte Leite e por algumas poucas informações, que derivam de outros textos próprios de Carolina ou de notas da editora alemã dentro do texto alemão.<sup>13</sup> Para além desta diferença, a versão jornalística - o "interessantis-

<sup>10</sup> A tradução da versão portuguesa em *O Primeiro de Janeiro* é: "[...] mas defende com vigor, talvez enfático, os direitos da mulher".

<sup>11</sup> "O movimento feminista em Portugal" in *O Primeiro de Janeiro*, 11-18 de Setembro de 1902.

<sup>12</sup> *O Primeiro de Janeiro*, 11 de Setembro de 1902, 1 [sublinhado pela autora; o nome alemão, *Gertrud* aparece na versão portuguesa "Gertrudes"].

<sup>13</sup> VASCONCELLOS, 1901: 441 e VASCONCELLOS, 1902: 408-426; este segundo estudo de Carolina, no Vol. III da publicação alemã, como Duarte Leite dá a conhecer, "está no prelo". Desconhecemos se os aumentos da versão portuguesa, que se devem a este, foram feitos pela própria autora ou por Duarte Leite que, eventualmente, estava na posse do manuscrito de Carolina.

simo estudo”, como refere Duarte Leite - é ilustrada com retratos de personalidades femininas portuguesas, coisa que, na edição quase científica alemã, naturalmente não acontece.

- b) Trata-se, apesar da designação prudente de “versão ampliada”, de uma “tradução verdadeira” [*eigentliche Übersetzung*] (KOLLER, 2001: 81) que, no entanto, contém umas diferenças significativas de teor linguístico e/ou cultural.

Concentramo-nos, no nosso estudo comparativo, comprometido, em primeiro lugar no aspecto cultural da problemática da tradução, nos pontos atrás destacados no capítulo 2.

### 3.1 Aspectos teóricos: a “tradução verdadeira” e a tradução/translação cultural (apresentação esquemática provisória comentada do processo translatório em estudo)

1896	Cerca. de 1900	1901	1902
Caso Luise Ey- materiais e dados em língua portuguesa publicados em língua alemã	CMV trabalha com base em materiais e dados em língua portuguesa	Publicação do relato de Carolina em língua alemã	tradução do texto alemão para língua portuguesa

A tabela provisória e primitiva acima apresentada serve-nos de guia na breve e incompleta reflexão sobre aspectos teóricos e o contexto em que o relato de Carolina e a sua tradução por Duarte Leite se inserem. Surgem num processo de tradução e translação cultural de “refracção dupla” (ou até múltipla) os seguintes fenómenos concretos, provisoriamente enumerados:

- em relação à iniciativa de publicação e aos trabalhos preparatórios
- a) a consciência “estrangeira” individual do “atraso” relativamente à situação das mulheres em Portugal por conhecer referências de comparação (“a pessoa translata”, transferida para outro contexto cultural)
  - b) inúmeras traduções (“traduções verdadeiras” preparatórias) da língua de partida (português) para a língua de chegada (alemão);

em relação à publicação em língua alemã

- c) vontade individual e colectiva de “tradução e translação cultural”, ou seja, de melhorar a situação na cultura de partida (Portugal)
- d) curiosidade e interesse colectivo do lado da cultura de chegada (Alemanha: o interesse pela alteridade/afirmação da própria “superioridade”);

em relação à re-tradução para o português

- e) vontade individual e colectiva de melhorar a situação na cultura de partida (Portugal: aceitação da alteridade)
- f) curiosidade e interesse do lado da cultura de partida (Portugal) pela imagem que a “outra” cultura tem de Portugal (salvaguada da identidade).

Obviamente, todos os fenómenos descritos e aplicados ao caso específico podem e devem ser postos em causa conforme a teoria de cultura aplicada e, também, podem e devem ser vistos pelo lado inverso e na complexidade e na reciprocidade de um processo de “translação” cultural dupla. Por exemplo, a sensibilidade da “pessoa *translata*/deslocada” pela “outra” cultura pode ser considerada uma tentativa de reafirmação da sua própria identidade.<sup>14</sup>

### 3.2 Alguns aspectos linguísticos

Em primeiro lugar, tomamos consciência do facto de o texto alemão em estudo ter sido escrito para um manual [*Handbuch*] de teor científico, uma publicação de relevo, uma obra de referência, em 4 volumes. A versão portuguesa, porém, tem que se

<sup>14</sup> *Vd.* acerca destas questões de cariz teórico a comunicação perspicaz de Ana Isabel Marques, no 1º Congresso Internacional de Estudos de Tradução, Universidade da Madeira, Funchal, 17–19 de Abril de 2002: “Identidade e Alteridade – Incidências no Processo de Tradução” e o ensaio de Graça Abranches: “Homens, mulheres e mestras inglesas” in RAMALHO/RIBEIRO (2001), pp. 255-305. O relato de Carolina e, respectivamente, a sua tradução servem de excelente exemplo para uma reflexão do (aparente) binómio identidade/alteridade, em especial, o seu Cap. IV: “A mulher do novo estilo” [*Die Frauen neuen Stils*] in *O Primeiro do Janeiro*, 15.9.1902, p.1 e VASCONCELLOS, 1901, pp. 433-441. Uma análise de rigor estilístico dos elementos discursivos que revelam a identidade “nacional” de ambos os autores/tradutores dos textos em estudo – inseridos no seu contexto histórico particular – ultrapassa o âmbito desta comunicação, porém, promete ser frutífera. Onde Carolina fala, por exemplo, das “*Kraftnaturen Jung-Portugals*”, a versão portuguesa traduz: “as forças vivas do Portugal novo”: *ibidem*.

adaptar ao meio por que é veiculada: um jornal. Explica-se, desta forma, e apesar do transfer geralmente bem sucedido do conteúdo, o tom/estilo mais 'folhetinista', muitas vezes atingido pela simplificação da sintaxe e/ou vulgarização de palavras 'eruditas'. Também a apresentação gráfica do texto e a inserção de inúmeros parágrafos, que faltam na versão alemã, facilitam a 'digestão' do longo artigo. Nota-se, porém, que as intervenções no texto, que pretendem adaptá-lo ao mundo português, são mais frequentes na própria introdução do texto alemão, em que Carolina resume, de forma clara e categórica, o estado lastimoso do feminismo português. "*Nach Erlangung politischer Rechte[...] – nach Wissen, Arbeit, Freiheit, Verantwortlichkeit steht ihr Verlangen nicht.*" O texto do artigo em *O Primeiro de Janeiro* não esclarece a referência de "ihr" [seu] em "*ibr Verlangen*" [o desejo/as aspirações das mulheres ou do mundo hispânico]. A expressão "*ibr Verlangen steht nicht nach...*", nessa colocação, significa, pura e simplesmente: "não querem...". A versão portuguesa, embora bastante fiel, modifica e suaviza essa expressão para "Elles não têm reclamado", traduzindo, desta forma, apenas o substantivo *Erlangung* por uma expressão verbal e identificando esses que não teriam reclamado direitos políticos, conhecimento, trabalho, liberdade, responsabilidade etc. com todos "elles" no mundo português. É, porém, concretizado (ou: hiper-traduzido) o significado de "direitos políticos" pela palavra "suffragio" (que o texto original omite)<sup>15</sup>. Limitamos a estes poucos exemplos, tendo em conta que – para o nosso trabalho específico – prevalecem os aspectos culturais do processo translatório em estudo (Cap. 3.3).

Em segundo lugar, são, ao nível do léxico, as traduções carolineanas das inúmeras instituições portuguesas de caridade que chamam a atenção do linguista: por exemplo, no capítulo V do original alemão, a palavra "*Wohlfahrts-Einrichtungen*", traduzida como "Instituições de beneficência e caridade" na versão portuguesa. Noutra lugar do artigo, inserido no texto, lemos "institutos de protecção e previdência" (*O Primeiro de Janeiro*, 11.9.1902, p. 1), traduzindo a mesma palavra sem hífen: "*Wohlfahrtseinrichtungen*". Não tendo, em grande parte, equivalentes na cultura e no léxico alemães, reflectem por si só a situação precária das mulheres portuguesas mas, também, os primeiros passos dos primeiros feminismos portugueses em direcção a uma solução dos múltiplos problemas. Naturalmente, a versão portuguesa refere apenas os nomes originais portugueses, sempre indicados por Carolina no texto alemão, ou seja, a tradução explicativa aproxima-se, por sua vez, dos textos originais, hipoteticamente utilizados e traduzidos pela autora. Um lapso da autora, cometido noutra lugar, parece confirmar a hipótese de originais portugueses. Falando de "Mulheres de novo estilo" e, neste

<sup>15</sup> VASCONCELLOS, 1901, p. 424 e *O Primeiro de Janeiro*, 11.9.1902, p.1.

âmbito, do “Conservatorio de Musica” da capital portuguesa, salienta que, em 1885, aí estudaram “*neben 93 jungen Leuten 627 junge Mädchen*” – um erro, porque “*junge Leute*” são jovens em geral, incluindo ambos os sexos. A oposição às “jovens raparigas” não tem lógica. A versão portuguesa corrige este lapso, falando apenas do “conservatorio”, sem identificação do lugar, e de “rapazes” e “raparigas”. Obviamente, Carolina tinha traduzido, para o texto alemão de chegada de então, a palavra “jovens” de um hipotético texto de partida português.

Os inúmeros transferes sintácticos, que adulteram – por vezes e por razões referidas – uma “tradução verdadeira”, gostaríamos nós de deixar como desafio para uma análise linguística por parte de especialistas.

Mencionamos apenas, finalizando este capítulo da comunicação, alguns fenómenos de teor linguístico na “tradução” de algumas palavras tabu no tocante à moral e à sexualidade. O que é designado por Carolina como “*Sittlichkeitsfrage*” [“questão moral”] concretiza-se no texto português como “prostituição”, e a “*sinnliche Trunkenheit*” [embriaguês sensual] de Carolina torna-se “perversão sensual”.<sup>16</sup>

### 3.3 Aspectos culturais de relevo

Estando consciente do “escândalo” causado pelas críticas de a Luise Ey (DELILLE, 1985: 26, 27) por ter difamado as mulheres portuguesas<sup>17</sup>, estávamos, inicialmente, à espera de uma “suavização geral” da crítica carolineana na versão portuguesa, tenha ela sido feita ou apenas corrigida por Duarte Leite. Mas, surpreendentemente, o *soft pulp* não é a regra geral ao longo da tradução de 1902. Conforme aos interesses do tradutor, que estão por analisar, a versão portuguesa suaviza ou reforça determinados aspectos – quanto baste. No entanto, não deixa de ser curioso que Carolina Michaëlis de Vasconcellos pareça necessitar de um “interlocutor” (“intérprete”) para

<sup>16</sup> pp. 439 e 443 em VASCONCELLOS, 1901 e 14 e 16 de Setembro de 1902 em *O Primeiro de Janeiro*.

<sup>17</sup> Sem dúvida havia uma estreita colaboração entre as duas mulheres. A defesa de Luise Ey por parte de Carolina é comentada por Manuela Delille da seguinte forma: “Sabendo bem como os ouvidos portugueses são particularmente sensíveis às críticas enunciadas por uma voz estrangeira – por mais justas e pertinentes que sejam, D. Carolina [...] não perde a oportunidade de salientar os dotes naturais da mulher lusitana [...]”, DELILLE, 1985:27); *vd.* acerca da questão a Nota 44 em ESTEVES, 1998:61.

dar a conhecer ao público português a sua opinião sobre as mulheres portuguesas. Parece-nos servir de indício o facto de Carolina estar, ainda nessa altura, bem consciente da sua *foreignness* (condição de estrangeira) em Portugal. Ou será que não sabia desta publicação?

Lado a lado com as poucas observações linguísticas acima referidas, encontramos, especialmente na tradução da introdução genérica de Carolina ao assunto, algumas “intervenções culturais” que revelam algo do que poderíamos chamar referências à alteridade da cultura de chegada (desta vez: a cultura portuguesa, vista por uma alemã) que – para o texto original alemão – quase paradoxalmente também já tinha sido por sua vez a *outra* cultura para a cultura de chegada alemã, vista por uma compatriota. Eis a “dupla refração”, da qual falámos no capítulo 3.1. Em termos concretos, o caso apresenta-se de seguinte forma: no texto alemão lemos, com clareza e distinção, o seguinte:

*“Die Zurückhaltung, welche trotzdem die Vorkämpferinnen dem Ausland gegenüber beobachten, erklärt sich zum Teil daraus, dass es ihnen peinlich wäre, den Bildungsrück- und Tiefstand der Nation und besonders der weiblichen Hälfte zu beleuchten.”* (VASCONCELLOS, 1901: 425)

A tradução que propusemos para esta frase de Carolina (conscientes do nosso próprio condicionamento cultural, situacional e temporal) seria a seguinte:

“A atitude de comedimento que, não obstante, as paladinas [do movimento feminista] observam em relação ao estrangeiro, explica-se em parte pelo facto de que lhes seria embaraçoso pôr em evidência o atraso na instrução e o baixo nível da nação e em especial da sua metade feminina.”

A versão portuguesa, cujo autor verdadeiro não é possível identificar, apresenta-nos o seguinte texto:

“A reserva que as proselitas da nova causa, na península hispanica, intenderam adoptar em face do estrangeiro, explica-se facilmente por condições especiaes de ordem interna. Avulta em primeiro lugar a consciencia do atraso na cultura e civilização das duas nações [sublinhado pela autora], e particularmente da sua metade feminina, circunstancia inconciliavel com o inicio de uma campanha feminina que suppõe a prévia formação d'um solido nucleo de combatentes escolhidos e adestrados.” (*O Primeiro do Janeiro*, 11.9.1902: 1)

<p><i>“Die Zurückhaltung, welche trotzdem die Vorkämpferinnen dem Ausland gegenüber beobachten, erklärt sich zum Teil daraus, dass es ihnen peinlich wäre, den Bildungsrück- und Tiefstand der Nation und besonders der weiblichen Hälfte zu beleuchten.”</i></p>	<p>“A atitude de comedimento que, não obstante, as paladinas [do movimento feminista] observam em relação ao estrangeiro, explica-se em parte pelo facto de que lhes seria embaraçoso pôr em evidência o atraso na instrução e o baixo nível da nação e em especial da sua metade feminina.”</p>	<p>“A reserva que as proselitistas da nova causa, na península hispânica, intenderam adoptar em face do estrangeiro, explica-se facilmente por condições especiaes de ordem interna. Avulta em primeiro lugar a consciencia do atraso na cultura e civilização das duas nações [sublinhado pela autora], e particularmente da sua metade feminina, circunstancia inconciliavel com o início de uma campanha feminina que supõe a prévia formação d’um solido nucleo de combatentes escolhidos e adestrados.”</p>
---	--	--

Apresentação sinóptica das versões atrás referidas

Ora, estamos perante um exemplo de adaptação cultural e/ou de uma tradução livre (“versão ampliada”), mas orientada, muito provavelmente, pela própria autora do original, que pode ser considerada como exemplar: são focadas a identificação feminina com a nação em Portugal, a situação cultural em que é recebido o texto, na Alemanha e em Portugal, e a situação específica no país que é objecto das considerações, Portugal. Salienta-se o alargamento da crítica às duas nações e o apelo a estratégias políticas concretas relativamente à causa feminista em Portugal.

O que despertou o nosso especial interesse foi a descrição de Carolina da “mulher hispânica do velho estilo [sic!]” [*Charakteristik der hispanischen Frau alten Stils*] – essa, isto seja-nos permitido, que encontrara quando veio, como jovem esposa de um português, para o país escolhido. Por razões práticas e para facilitar a comunicação com os ouvintes, passo a citar o essencial do texto português de chegada, seja ele redigido pela autora ou por Duarte Leite:

“Como é de prever, a mulher d’aquem dos Pirineus é mais primitiva que as demais companheiras da Europa. Governa-as o instinto mais que a razão; a fé mais que a sciencia.”<sup>18</sup>

<sup>18</sup> *O Primeiro de Janeiro*, 12.9.1902, p.1; mantém-se, em todas as citações, a escrita da época.

Comparemos uns detalhes da versão portuguesa com o 'original' alemão: onde está, em relação às mulheres portuguesas, o adjectivo "primitiva", em alemão é utilizado o circunlóquio "está, naturalmente, bastante mais perto da natureza" – o que não tem, em língua alemã, um sentido pejorativo. Mais claro torna-se o afirmado pela análise da frase seguinte que, no original carolineano, tem uma função explicativa da frase anterior, ou seja, cria coesão do texto e reflecte a do pensamento da autora: "*Das leidenschaftliche Herz, nicht der Verstand regiert, der Glaube, nicht das Wissen.*" O que, para Carolina, significa "mais perto da natureza" é o seguinte: entre as mulheres portuguesas predomina "o coração apaixonado" – e não, como na versão portuguesa, "o instinto". Para além disso, Carolina tinha começado a sua descrição já com uma possível explicação da diferença: a falta de "*Geistesbildung*" [cultura do espírito]. Não nega, então, às mulheres portuguesas a sua inteligência ou o seu espírito; o que falta é que este seja educado/formado/cultivado. Nada disso é transferido para a versão portuguesa, cuja primeira frase categórica deve ter repugnado qualquer leitora: "Como é de prever, a mulher d'aquem dos Pirineus é mais primitiva que as demais companheiras da Europa."

Radicaliza, também, a descrição fisionómica das mulheres portuguesas, trocando o carolineano "*Enge der Geisteswelt*" [estreiteza do mundo espiritual em geral, em que vive] pela "estreiteza espiritual" personalizada, a das mulheres. Nada diz Carolina Michaëlis de Vasconcellos sobre o "abandono" que se reflecte nos olhos das mulheres, mas sim, de "sensualidade e amor abnegado" [*Sinnlichkeit und bingebende Liebe*]:

"[...] Na alma como no corpo podem dizer-se ricamente dotadas. O tipo medio da mulher portugueza, se não é pronunciadamente bello, é pelo menos o que se costuma chamar simpatico e engraçado: pequena e airosa, corpo proporcionado, forte de seios: com abundantes cabellos negros que lhe estreitam a testa e sobrancelhas espessas que quasi se tocam – dois traços simbolicos da estreiteza espiritual. Olhos negros, grandes e rasgados, fallam com intensa expressão de amor e abandono. A bocca, muitas vezes expressiva, - não raro, mesmo em raparigas, sombreada de um ligeiro buço – apesar da admiravel dentadura, constitue conjuntamente com o nariz a parte menos bella do rosto. Espontanea e graciosa, muito rapida na percepção, dotada de grande talento imitativo, de elocução facil e engraçada, zelosa no cumprimento dos deveres sempre que elles estejam de accordo com as tendencias do seu coração, é incontestavel que, apesar da ausencia do saber, a mulher portugueza desempenha muito agradavelmente o seu papel no estreito circulo da vida de familia. Mantida du-

rante seculos em isolamento quasi oriental [...] a tranquillidade romansosa entre quatro paredes tornou-se para ella em segunda natureza. Alem dos deveres religiosos e de diversões da sociedade, satizfazem-se plenamente com as occupações domesticas, o cuidado das crianças, as toilettes e bugigangas.”

Os parâmetros estéticos da alemã (em relação ao buço, o nariz e a boca com a sua admirável dentadura) parecem ser mesmo diferentes, ou seja, correspondem ao original, assim como as demais reflexões acerca das relações entre os sexos em Portugal. Ambos os textos descrevem a situação “caseira” das mulheres portuguesas, culminando na acusação do “letargo” geral das mulheres portuguesas:

“Mas até n’estes seus dominios indisputados estão affeitas ao concurso do homem, e não dispensam a sua protecção e tutella. O fim final da sua vida é agradar-lhe, servindo-o. [...] Assim, procurando em altitude [sic!] possuir, conformada o apoio e carinho do sexo forte, a mulher põe o recato e a malleabilidade, a dedicação e a fé acima do saber e do exercicio do pensamento e da vontade, e conserva-se inacessivelmente longe do tumultuar dos negocios e da conquista da gloria, da ancianidade, das honras e dos lucros. Os beneficios da instrucção apenas lhe aproveitam no ponto em que a magnanimidade do homem lh’o consente, e este affasta quanto possa contribuir para a despertar do seu letargo. Diga-se no entanto que, para suavisar a dureza d’esta situação, elle concorre com qualidades compensadoras, ternura e carinho, habitos cavalheirescos, e uma notavel disposição para compartilhar dos serviços domesticos, resultado dos habitos enraizados de protecção e governo familiaes. D’ahi a sentença vulgar em bocca de colonos estrangeiros: em Portugal o homem é mulher, e a mulher criança.”

A versão portuguesa omite, na descrição do carinho dos homens portugueses em serviços sociais, dentro e fora de casa, um ‘aparte’ de Carolina: “Um homem nórdico nunca faria isso”<sup>19</sup>. Surpreende, porém, que a versão portuguesa deixe passar o radicalismo do citado dito vulgar (“em Portugal o homem é mulher, e a mulher é criança”), mas ainda encontramos uma ligeira diferença. O texto alemão utiliza o plural: “Em Portugal, os homens são mulheres, as mulheres crianças”.

<sup>19</sup> Tradução livre da observação de Carolina: “vor dem [gemeint ist: vor dem (sozialen) Dienst an der Frau, innerhalb und außerhalb des Hauses] nordische Männer sich hüten würden”

Teria muito gosto em dizer que nada disso se encontra no respectivo texto alemão, da pena indubitável de Carolina Michaëlis de Vasconcellos, mas, infelizmente, aquela a que nós chamamos “translação feminista” da viragem do século (1900) resultou assim, ou, pelo menos, de forma parecida, dado que há “pequenas diferenças”, detalhes, deslizes, nas intervenções da versão portuguesa que acabamos de observar e que deturpam as formulações cautelosas de Carolina perante o público alemão.

Será que, perante as alemãs, se sentia mais portuguesa, mais proteccionista em relação ao país mais ocidental? E, por conseguinte, tinha menos vergonha de dizer “verdades” sobre as mulheres de velho estilo perante elas mesmas? Ou foi esta passagem do texto (ou até o texto inteiro) traduzido por Duarte Leite? Ou existia uma versão portuguesa carolineana que foi revista por Duarte Leite? Se, um dia, conseguirmos provar que foi o próprio Professor da Academia Politécnica de Porto, cuja “redacção” se reflecte no texto, poderíamos falar de um “descarregamento” mordaz para cima das mulheres, para não dizer que Duarte Leite se teria aproveitado da “boleia” de Carolina para exprimir o seu desprezo pelas mulheres (portuguesas) – ou vice-versa?

A versão portuguesa, como acabamos de ouvir, tem traços misóginos. A versão alemã não pode ser vista desta maneira.<sup>20</sup>

Há mais intervenções no texto que mereciam uma menção, mas a brevidade da minha comunicação e o seu carácter de uma primeira abordagem não admitem a apresentação de mais pormenores. Resumindo, nota-se, contra as nossas expectativas, pelo menos neste capítulo, uma radicalização da versão alemã.

Sejam dedicadas umas brevíssimas palavras aos provérbios traduzidos “à letra” por Carolina.<sup>21</sup> Cita provérbios portugueses sobre as relações dos sexos e/ou sobre as mulheres. Nenhum desses tem correspondente ou equivalente em alemão. A frequente comparação das mulheres, em provérbios portugueses, “com animais domésticos e bestas de carga” [*in denen die Frau dem Lasttier und verschiedenen Haustieren gleichgestellt wird*] parece-nos estranhíssima e podem servir, por excelência, à semelhança de outros provérbios noutros contextos, para demonstrar algo da mentalidade de um grupo social. Carolina instrumentaliza-os em prol da denúncia da opres-

<sup>20</sup> Sem dúvida, a obra de Carolina merecia ser analisada, também, sob o aspecto de *Kulturkritik*, ou seja, dos estudos (inter-) culturais e no âmbito da antropologia cultural; um excelente fundamento teórico representa RAMALHO/RIBEIRO (2001).

<sup>21</sup> *Vd.* VILELA, 1999: 59-78.

são das mulheres latinas, promovendo a causa feminista em Portugal.<sup>22</sup> Ou seja, Carolina usa-os como mecanismo da sua própria crítica mordaz.

Reservo ainda uma penúltima palavra a um facto importante, já acima referido, e faço-o pela cidade em que se encontra esta Universidade e em que se realiza este congresso. Lembremo-nos que foi Carolina Michaëlis de Vasconcellos que, em 1901 e 1902, deu ao público alemão e português conhecimento de uma obra dos primeiros feminismos – no Funchal. Trata-se de um relato relativamente extenso (uma página impressa no manual alemão), cujas fontes desejaríamos conhecer<sup>23</sup>, sobre a “Associação de Socorros Mutuos, protecção e instrução do sexo feminino funchalense”, fundada por Maria Helena Jervis de Athougia e Almeida, em 1876. Uma vez mais, as Ilhas, como foi o caso noutras alturas históricas, estão na vanguarda das correntes culturais e políticas.<sup>24</sup>

Por fim gostaria de recorrer à frase conclusiva do relato de Carolina, já citada [Cap.2], para dar exemplo de uma suavização decisiva – pela sua posição final – na tradução portuguesa. Esta traduz a última frase carolineana da seguinte forma: “Se é certo que o sol se levanta mais tarde para os países occidentaes, console-nos a ideia de que lhes dá, por compensar, os dias mais quentes e luminosos.” Desta forma, a versão portuguesa prescinde da amargura das palavras carolineanas no original alemão, expressa na frase *post scriptum*, separada por um ponto final: “Consolemo-nos com isso.” [*Damit wollen wir uns trösten.*”]

## Conclusões

Parece-nos provável que o “caso Luise Ey” tenha influenciado os trabalhos de 1901 e 1902, em termos de material de base em língua portuguesa (que partilhava, de

<sup>22</sup> *IBIDEM* e VASCONCELLOS, 1901, p. 432; seja-me perdoada a identificação parcial eacrónica com esta atitude: o título da minha dissertação de mestrado é “Onde há galo não canta galinha”; *Vd. EMONTS* (2001).

<sup>23</sup> É mencionado também o “médico antropófilo Dr. João da Camara Lema” [sic!]; na BMF [Biblioteca Municipal de Funchal, S 9, E 13, P 1] encontramos a seguinte publicação: *Association de protection et d’instruction du sexe féminin fondée par le Dr. João da Câmara Leme Homem de Vasconcellos*, Lacroix, Paris [s.d.]; desconhecemos, até à presente data, se Carolina conheceu as pessoas envolvidas nesta obra de caridade e/ou teve conhecimento da história desta organização.

<sup>24</sup> Há, ainda, uma outra referência ao Funchal: às bordadeiras em *O Primeiro de Janeiro*, 12.9.1002.

certeza, com a amiga) e em termos de prudência cultural para evitar escândalos e mal-entendidos por causa de críticas à situação portuguesa. Não há dúvida que, por essa razão, Carolina admitiu uma "revisão da sua re-tradução" para o português por parte de um homem, republicano comprometido, que não estará sob a suspeita de menosprezar as suas compatriotas. É pouco provável que a tradução tenha sido feita pelo próprio ou por outra pessoa.

A questão da verdadeira autoria não pode ser esclarecida, mas as diferenças significativas entre o texto em alemão e o texto em português acima referidas demonstram, em termos gerais, que as afirmações relativamente às mulheres portuguesas "do [sic] velho estilo" foram acentuadas por "traduções", por vezes pouco prudentes, mas que os assuntos de teor político ou feminista em geral foram suavizados. Esta atitude corresponde, e seja-me permitida esta hipótese, à atitude da elite do primeiro feminismo republicano em Portugal. Está patente o conflito entre os movimentos feministas burgueses e proletários (ou socialistas e pacifistas). Não havia nem em Portugal, nem na Alemanha, uma confluência de interesses no sentido da máxima "Em primeiro lugar mulheres, em segundo portuguesas/alemãs". O desenvolvimento político em ambos os países não favoreceu os contactos internacionais, mas sim a exaltação nacional. Contudo, a tradução portuguesa do artigo de Carolina parece "politicamente mais correcto", mas, em relação às mulheres, directamente interpeladas, como mais radical, até passar as raias do misógino.

Confirma-se, apesar de tudo, numa retrospectiva de cem anos, uma visão optimista da tradução e da traduzibilidade em geral. Somos, assim como Carolina, "Estrangeiro aqui como em toda a parte"<sup>25</sup>. Aceitemos, sem medo, com Werner Koller e outros autores, um desenvolvimento progressivo da traduzibilidade (KOLLER, 2001: 186; sublinhado da autora). Qualquer trabalho literário exige processos de tradução e "translação" infinitos, nunca acabando, como numa democracia (ou na ciência) não acabam as discussões e as relativizações de pontos de vista. Qualquer comunicação está em eterna progressão. Qualquer literato é o eterno *foreigner*.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> Citado do estudo de Irene Ramalho sobre Gertrude Stein e o conceito de *intertranslatability*, RAMALHO, 2001.

<sup>26</sup> Também a Teoria da Tradução tem as suas implicações ideológicas: enfrentar e aceitar a progressiva mestiçagem das culturas e dos seus textos de forma positiva – sem abandonar o direito à diferença linguística e do que é, pura e simplesmente, certo ou errado – representa um trabalho político permanente, ao qual um tradutor (e um "translator") se submete. O apelo de regimes totalitários à "pureza", no passado e no presente, poderia ser encarado desta forma.

A obra de Carolina Michaëlis de Vasconcellos como tradutora e *transladora*, também feminista, serve de bom exemplo. É uma figura de transgressão: *the master transgressor of all boundaries*, como afirma Irene Ramalho, falando de Gertrude Stein (RAMALHO, 2001:4). São, muitas vezes – e o sábio e sensato povo português sabe disso – os *foreigners* e, por vezes, os processos de tradução e “translação” menos sucedidos, mas pacíficos, que são – para além dos nossos sonhos – o motor da História.

Por último, gostaria de propor, para a famosa e última frase do relato de Carolina, o *leitmotiv* do meu pequeno estudo de caso, uma tradução muito livre, adaptada à Região Autónoma da Madeira e ao século XXI:

“Se é nas Ilhas ocidentais ultra-periféricas da Europa que o sol se levanta mais tarde, também costuma trazer consigo os dias mais quentes e luminosos. Porém, ficamos inconsoláveis.”

ma visão  
Carolina,  
erner Kol-  
KOLLER,  
cessos de  
cia (ou na  
Qualquer  
gner.<sup>26</sup>

slatability,

e aceitar a  
ar o direito  
m trabalho  
de regimes



## Bibliografia

- ABRANCHES, Graça (2001), 'Homens, mulheres e mestras inglesas', in I. M. RAMALHO e A. S. RIBEIRO (2001) pp. 255-305.
- DELILLE, Manuela Gouveia (1985), *Carolina Michaëlis de Vasconcelos [sic] (1851-1925) – Uma alemã, mulher e erudita, em Portugal*, Separata de *Biblos*, LXI (1985), Coimbra.
- ESTEVES, João (1998), *As Origens do Sufragismo Português. A Primeira Organização Sufragista Portuguesa: a Associação de Propaganda Feminista (1911-1918)*, Lisboa, Editorial Bizâncio.
- FRANCO, António (1996), 'Cultura, Língua, Sociedade, Tradução', in *III Jornadas de Tradução, Actas das III Jornadas do ISAI*, Porto, ISAI, pp. 16-26.
- KOLLER, Werner (2001), *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*, Wiebelsheim, Quelle und Meyer.
- LANGE, Helene e BÄUMER, Gertrud (eds.) (1901), *Handbuch der Frauenbewegung, I. Teil, Die Geschichte der Frauenbewegung in den Kulturländern*, Berlin, W. Moeser Buchhandlung.
- IDEM (1902) *Handbuch der Frauenbewegung, III. Teil, Der Stand der Frauenbildung in den Kulturländern*, Berlin, W. Moeser Buchhandlung.
- LEITE, Duarte (1902) 'O movimento feminista em Portugal', in *O Primeiro de Janeiro*, 11-18 de Setembro de 1902 [artigo e série, sempre na 1ª página].
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm (1927), 'Carolina Michaëlis und die romanische Sprachwissenschaft', in *Lusitânia*, fasc. X, 1927, pp. 6-15.
- MOLDENHAUER, Gerhard (1927) "Bibliografia de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos" in *Lusitânia*, fasc. X, 1927, pp. 25-43.
- RAMALHO, Maria Irene e RIBEIRO, António Sousa (2001) *Entre ser e estar. Raízes, percursos e discursos da identidade*, Porto, Afrontamento.
- SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa (2001) 'Poetry and Translatability or: Gertrude Stein, The Foreigner', in *oficina do centro de estudos sociais* N.º 163, Outubro de 2001, Coimbra, Oficina do CES.
- SILVA, Maria Regina Tavares da [s.d.] 'Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1851-1925)', in *Mulheres Portuguesas, Vidas e Obras Celebradas – Vidas e Obras Ignoradas*, Ditos & Escritos, N.º 1, Lisboa, CIDM, pp. 45-58.
- VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de (1901), 'Die Frauenbewegung in Spanien und Portugal', in Helene LANGE e Gertud BÄUMER (eds.) (1901) *Handbuch der Frauenbewegung, I. Teil, Die Geschichte der Frauenbewegung in den Kulturländern*, Berlin, W. Moeser Buchhandlung pp. 424-455.

- (1902), 'Frauenbildung in Portugal und Spanien', in Helene LANGE e Gertud BÄUMER (eds.) (1901), *Handbuch der Frauenbewegung, I. Teil, Die Geschichte der Frauenbewegung in den Kulturländern*, Berlin, W. Moeser Buchhandlung, pp. 408-434.
- (1902), 'O movimento feminista em Portugal', in *O Primeiro de Janeiro*, 11-18 de Setembro de 1902 [artigo em série].
- (1896), "O Congresso Feminista de Berlim" in *O Comércio de Porto*, 19-27 de Novembro de 1896 [artigo em série].
- VILELA, Mário (1999), 'Multiculturalidade, Tradução e Ensino de uma Língua Estrangeira', in *VI Jornadas de Tradução, Actas das VI Jornadas do ISAI*, pp. 59-70.